

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL Nº 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA

POLÍTICA E MOVIMENTOS SOCIAIS: O P.C.B. EM
UBERLÂNDIA/MG: 1947-1951

LUCIANO PATRICE GARCIA LEPERA

LUCIANO PATRICE GARCIA LEPERA

POLÍTICA E MOVIMENTOS SOCIAIS: O P.C.B. EM
UBERLÂNDIA/MG: 1947-1951

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em História, do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, como exigência parcial para obtenção do título de Bacharel em História, sob a orientação do Prof. Dr. Antônio Almeida.

Uberlândia, Dezembro de 2003

LUCIANO PATRICE GARCIA LEPERA

POLÍTICA E MOVIMENTOS SOCIAIS: O P.C.B. EM
UBERLÂNDIA/MG: 1947-1951

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Antônio Almeida – Orientador

Profa. Ms. Ana Paula Cantelli de Castro

Prof. Ms. Fábio Piva Pacheco

Aos muito amados José Guilherme, João Pedro, Bianca, Lúcia, Neuza e Luciano.
À memória de minha querida avó Julieta que, contrariando a todas as normas de segurança necessárias naqueles anos, respondia às minhas dúvidas e me ensinava que da alegria de viver e do sonho de um mundo melhor não devemos jamais abrir mão.

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, Antônio Almeida, sou grato, não só pela bem feita orientação, mas também pelo ótimo Curso de Historiografia e pela enorme paciência e compreensão tidas com este estudante trabalhador. Sua eficiência no trabalho intelectual só cresce e se aprimora em virtude de sua sensibilidade social.

Meu muito obrigado também ao João Batista, funcionário da Coordenação do Curso de Graduação de História da UFU, pela disposição com que sempre me atendeu e pelo incentivo constante. À Idalice Ribeiro Silva, mesmo só a conhecendo através de dois telefonemas, sou grato pelas indicações de leitura e pela riqueza de seu trabalho, que veio a sanar minha dificuldade de acesso a fontes em face da incompatibilidade de meus horários com os do Arquivo Público Municipal.

Aos colegas e demais professores do Instituto de História, minha gratidão pelo que aprendi na convivência com os mesmos.

Agradeço, por fim, à Márcia A. F. Santos, que tanto me ajudou, principalmente com as tão complexas normas técnicas de trabalhos científicos.

Lepera, Luciano Patrice Garcia, (1961)

Política e movimentos sociais: o P.C.B. em Uberlândia/MG: 1947-1951

Luciano Patrice Garcia Lepera – Uberlândia, 2003

44 fl

Orientador: Antônio Almeida

Monografia (Bacharelado) – Universidade Federal de Uberlândia, Curso de Graduação em História.

Inclui Bibliografia

Comunismo, Uberlândia, política

RESUMO

Este trabalho busca melhor compreender o P.C.B. e os movimentos sociais nos quais seus militantes atuaram na busca da redemocratização do país, que teve lugar, posteriormente, ao término da ditadura do Estado Novo até início dos anos 1950, com destaque para a cidade de Uberlândia e Região do Triângulo Mineiro. Partindo de um contexto mais amplo, vivenciado no mundo e no Brasil na época aqui abordada, buscamos os acontecimentos e as particularidades regionais a partir da perspectiva teórica e metodológica de nunca perder o relacionamento com o todo. Constatamos ser Toribaté (atual Monte Alegre) e Uberlândia as cidades com maior votação para Yeddo Fiúza, proporcionalmente ao número total de votos em todo o estado de Minas Gerais, demonstrando, assim, a organização e a capacidade de trabalho dos comunistas do Triângulo Mineiro. Verificamos como o Partido reagiu ao ser lançado de volta à ilegalidade, em 1947, e como resistiu à crescente repressão que se abateu sobre o mesmo e sobre os movimentos sociais tanto no campo como na cidade. Nesta pesquisa, reconhecemos a importância da democracia tanto para o P.C.B. quanto para os movimentos populares em geral.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1 - O P.C.B. e sua relação com a sociedade no contexto nacional e internacional dos anos 1940.....	15
1.1 - O Partido, sua organização e seu desempenho.....	19
2 – O P.C.B. em Uberlândia e no Triângulo Mineiro: política institucional e organização da luta.....	25
2.1 – A organização da luta em Uberlândia e Região do Triângulo Mineiro.....	32
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	39
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	40
ANEXO – Entrevista com Noêmia Gouveia.....	44

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 – Militantes e seguidores do P.C.B., 1922-1966.....	19
---	----

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – As eleições presidenciais de 1945.....	22
TABELA 2 – Desempenho eleitoral de Yeddo Fiúza nas Zonas Eleitorais Influenciadas pelo Comitê de Zona do P.C.B. do Triângulo Mineiro.....	26
TABELA 3 – Desempenho eleitoral de Yeddo Fiúza em outras Zonas Eleitorais Mineiras.....	27

INTRODUÇÃO

O Partido Comunista Brasileiro é a organização partidária de mais longa vida no Brasil; porém, a quase totalidade de sua existência ocorreu na clandestinidade. O período analisado (1947/1951) é o que se sucede à legalidade vivida pelo Partido no país, em 1946. Nos restringimos ao estudo do Partido e dos movimentos sociais no Triângulo Mineiro e em Uberlândia, que já era a referência desta região no período referenciado.

O Brasil de então, ainda que majoritariamente agrário, vivia um processo de urbanização de sua população e de industrialização de sua economia. De 1940 a 1950, segundo o IBGE, a população urbana passou de 31,24% para 36,16% do total de habitantes.

Os trabalhadores urbanos, na breve democracia pós Estado Novo, organizam-se e mobilizam-se de forma eficiente. Em apenas um ano, cresce em 68% o número de sindicalizados, atingindo, em 1946, a cifra de 797.000 o total de pessoas filiadas aos sindicatos de trabalhadores¹.

As eleições municipais de novembro de 1947 ocorrem a apenas seis meses da cassação, por parte do Tribunal Superior Eleitoral, do registro do P.C.B. Os candidatos comunistas utilizam-se de legendas outras, mas é bastante razoável supor que a imensa maioria dos seus eleitores conhecia sua real filiação partidária. O trecho da ata da Câmara Municipal de Uberlândia, transcrito a seguir, demonstra que os próprios comunistas deixavam isso transparecer. Conforme consta naquele documento, o orador Roberto

¹ POMAR, P. E. da R. **Dutra, Adhemar e a repressão ao PCB**: o incidente de Ribeirão Preto (1949). 2000. 247 f. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de História, Direito e Serviço Social, de Franca, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Franca. 2000.

Margonari “Afirma [...] que pertence ao Partido Comunista Brasileiro, como sempre disse de público”².

Em Uberlândia, dos 15 vereadores eleitos naquele pleito eleitoral, quatro eram comunistas, demonstrando-se, assim, com votação tão significativa, que o P.C.B. possuía raízes na cidade. As perseguições e as constantes campanhas difamatórias praticadas pela burguesia contra os comunistas e outros representantes dos interesses populares não foram suficientes, naquele momento, para barrar o avanço dos movimentos sociais.

O Partido existiu em Uberlândia pelo menos desde o início dos anos 1930, segundo depoimento do militante comunista Roberto Margonari, coletado por Luise Bundy, (1932 marca o início da atuação comunista em Uberlândia), o que também foi confirmado no relato de Maria Rosa Margonari, em entrevista realizada em fevereiro de 1994. Além dessas afirmativas, Roberto Margonari, entre 1951 e 1953, proclamou em seus discursos, na Câmara Municipal de Uberlândia, que tinha 20 anos de militância comunista³.

Noêmia Gouveia, militante comunista entrevistada para este trabalho, lembra-se de seu pai e de Roberto Margonari desempenhando tarefas partidárias em Uberlândia, no ano de 1935.

A dissertação de mestrado de Idalice Ribeiro Silva, citada anteriormente, foi de fundamental importância para a realização deste trabalho. A pesquisa por ela realizada, tanto pela qualidade, quanto pela quantidade de informações, deve ser considerada como referência obrigatória no estudo de Uberlândia e da região. Os jornais e boletins policiais aqui referidos foram todos coletados por esta pesquisadora. O livro de Yonne de Souza Grossi⁴ também foi de grande

² PREFEITURA MUNICIPAL DE UBERLÂNDIA. Arquivo Público Municipal de Uberlândia. **Atas da Câmara Municipal de Uberlândia realizadas no ano de 1947**. Fundo: Câmara Municipal, série: Atas, sub-série: Atas da Câmara Municipal. Uberlândia, 2003.

³ SILVA, I. R. “**Flores do mal**” na Cidade Jardim: comunismo e anticomunismo em Uberlândia 1945-1954. 2000. 444 f. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 2000.

⁴ GROSSI, Y. de. S. **Mina de Morro Velho**: a extração do homem. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981. 265 p.

valia para entendermos o contexto das lutas sociais e do P.C.B. em Minas Gerais.

Colaboraram, também, para isso, as memórias de Marco Antônio Tavares Coelho⁵ que, por meio dos relatos da sua vivência, fornece um bom panorama do que foi a vida partidária, contando peculiaridades do Triângulo Mineiro que, inclusive, no final dos anos 1940 era alvo de concentração do trabalho camponês do Partido. Isto aparece, também, no artigo de Ângelo Priori⁶.

Foram, também, de grande valia, os já considerados clássicos sobre o assunto, os livros de Moisés Vinhas⁷, Edgard Carone⁸, e Ronald H. Chilcote⁹, apesar de alguns erros deste último, dos quais tivemos notícia, por intermédio de Luciano Lepera¹⁰, e que foram apontados no importante trabalho de Gildo Marçal Brandão¹¹. Trabalhos como o de Leôncio Basbaum¹², Evaristo Giovanetti Netto¹³ e Segatto et al.¹⁴ também ajudaram a compreender melhor o período estudado.

⁵ COELHO, M. A. T. **Herança de um sonho**: as memórias de um comunista. Rio de Janeiro: Record, 2000. 528 p.

⁶ PRIORI, A. **O PCB e a Questão Agrária**: os manifestos e o debate político acerca dos seus temas. In: MAZZEO, A.C. e LAGOA, M. I. **Corações Vermelhos Os comunistas brasileiros no século XX**. São Paulo: Cortez, 2003. p. 61-81.

⁷ VINHAS, M. **O partido**: a luta por um partido de massas 1922 – 1974). São Paulo: Hucitec, 1982. 268 p.

⁸ CARONE, E. **O P.C.B. 1943 a 1964**. São Paulo: Difel, 1982. 325 p.

⁹ CHILCOTE, R. H. **Partido Comunista Brasileiro**: conflito e integração 1922 – 1972. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1982. 413 p.

¹⁰ Luciano Lepera, pai do autor desta monografia, é jornalista, tendo sido vereador à Câmara Municipal de Ribeirão Preto na década de 1950, deputado estadual da Assembléia Legislativa de São Paulo na legislatura 1958/1962, sendo reeleito para a legislatura seguinte, mas não empossado por vinculação ao proscrito P.C.B. Teve prisão preventiva em 1964, ficando foragido por mais de ano, até o relaxamento do referido pedido de prisão. Teve seus direitos políticos suspensos por 10 anos pelo regime militar e respondeu a alguns processos políticos na auditoria do II Exército.

¹¹ BRANDÃO, G. M. **A esquerda positiva: as duas almas do Partido Comunista**: 1920/1964. São Paulo: Hucitec, 1997. 406 p.

¹² BASBAUM, L. **História sincera da República**: de 1930 a 1960. São Paulo: Fulgor, 1968. 252 p.

¹³ GIOVANETTI NETTO, E. **O PCB na Assembléia Constituinte de 1946**. São Paulo: Novos Rumos, 1986. 210 p.

¹⁴ SEGATTO, J. A. et al. **PCB 1922-1982**: Memória fotográfica. São Paulo: Brasiliense, 1982. 175 p.

De linha diferente de trabalho, em relação aos autores anteriormente citados e, até por isso, interessante, foi a leitura da obra de Jorge Ferreira¹⁵.

Não podemos deixar de citar, também, Marco Aurélio Santana¹⁶, mesmo não concordando com algumas análises por ele feitas, referentes a períodos mais recentes da história da atuação dos comunistas, pois torna-se necessário reconhecer a qualidade de seu trabalho.

Finalizando, ajudou-nos na compreensão do governo Dutra a muito bem feita dissertação de mestrado de Pedro Estevam da Rocha Pomar¹⁷, que também nos alertou para algo que mais adiante discutimos, que é a substituição, por parte do P.C.B., de parlamentares eleitos por seus respectivos suplentes.

Um dos objetivos principais aqui perseguido foi o de conhecer as lutas sociais do passado, e sendo o P.C.B. um importante referencial para isto, pois acreditamos ser de extrema importância na construção de uma sociedade mais justa e solidária o contato com as experiências anteriores. A busca de caminhos para a superação do Capitalismo passa pela compreensão dos erros e acertos já cometidos.

Uma região na qual tanto se fez pelo Socialismo e onde muitos sofreram na busca por uma sociedade na qual não existisse a exploração do ser humano, merece que nos esforcemos, para a reflexão sobre a história dessas lutas, contrapondo-as à imagem construída pela Burguesia de que Uberlândia seria uma Cidade Jardim, terra imune à luta de classes, como se aqui não existissem as contradições inerentes à exploração do trabalho pelo capital.

A monografia agora apresentada é permeada por experiências de vida e visão de mundo do próprio autor, como, aliás, o é toda produção de conhecimento.

¹⁵ FERREIRA, J. **Prisioneiros do Mito Cultura e imaginário político dos comunistas no Brasil (1930-1956)**. Niterói: EDUFF, Rio de Janeiro: MAUAD, 2002. 315 p.

¹⁶ SANTANA, M. A. **Homens partidos: comunistas e sindicatos no Brasil**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2001. 311 p.

¹⁷ POMAR, P. E. da R. **Dutra, Adhemar e a repressão ao PCB: o incidente de Ribeirão Preto (1949)**. 2000. 247 f. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Franca. 2000.

Na busca por um mundo melhor, a História tem uma contribuição inestimável, que Fontana soube tão bem explicitar:

O papel da história, o papel de uma compreensão renovada do passado, há de ser vital, porque servirá para revelar as legitimações em que se apóia a aceitação do presente, e, sobretudo, porque há de permitir-nos reconstruir uma linha de progresso que possa projetar-se até o tipo de futuro que desejamos alcançar. Já que, se o que entendemos por socialismo é essencialmente a eliminação das formas de exploração próprias do capitalismo - e não só uma fase superior da industrialização -, a linha que conduza do presente ao socialismo não pode fundamentar-se numa visão do passado como ascensão do estado do homem caçado-coletor à eclosão da industrialização moderna, mas, sim, que deve agregar a essa seqüência, como linha dominante, uma melhor compreensão das lutas e das aspirações dos homens do passado em seu esforço para liquidar as diversas formas de exploração e estabelecer uma sociedade igualitária¹⁸.

Utilizamos-nos menos de fonte oral do que gostaríamos, em virtude não de concebê-la como tipo de fonte secundária ou assessória, mas sim pela nossa indisponibilidade de tempo. Tentamos ter os cuidados necessários com os dilemas éticos surgidos na coleta de narrações, tal como preconizado por Alistair Thomson¹⁹. O bem estar da pessoa entrevistada está acima dos interesses de nossa pesquisa.

Acreditamos na multiplicidade de fontes, rejeitando a concepção positivista de que fontes são apenas as escritas e oficiais, mas também procuramos evitar cair na armadilha da apologia das fontes orais.

Consideramos as fontes orais e escritas diferentes, mas não excludentes entre si, possuindo, cada uma delas, suas especificidades e adequações, como Alessandro Portelli diz:

¹⁸ FONTANA, J. **História: análise do passado e projeto social**. Bauru: Edusc, 1998. p. 264-265.

¹⁹ THOMSON, A. Recompondo a memória: Questão sobre a relação entre a História Oral e as memórias. **Revista Projeto História**, São Paulo, n. 15, abr. 1997, p. 51-84.

Na realidade, as fontes escritas e orais não são mutuamente excludentes. Elas têm em comum características autônomas e funções específicas que somente uma ou outra pode preencher (ou que um conjunto de fontes preenche melhor que a outra). Desta forma, requerem instrumentos interpretativos diferentes e específicos. Mas a depreciação e a supervalorização das fontes orais terminam por cancelar as qualidades específicas, tornando estas fontes ou meros suportes para as fontes tradicionais escritas, ou cura ilusória para todas as doenças²⁰.

Tentamos, na realização deste trabalho, compreender as lutas dos comunistas em Uberlândia como parte e inseridas numa conjuntura de país e mundo, fugindo das limitações que trariam uma visão de história local, na qual os acontecimentos não estivessem conectados num grande processo. Nessa mesma perspectiva, Emília Viotti da Costa, na obra de Moraes e Rego, afirma que

O abandono da noção de totalidade e da idéia de processo, a falta de conexão entre a micro e a macrohistória, enfraquecem as interpretações e dificultam a elaboração de uma síntese. Acumulam-se dados desconexos, perde-se a visão do conjunto. A historiografia descola-se dos problemas da sociedade e se perde em minúcias, tornando irrelevante o trabalho do historiador que vira um antiquário, um colecionador de casos²¹.

Por fim, buscamos evitar o anacronismo que, concordando com Hobsbawm²² em seu livro “*Sobre História*”, considero o maior perigo do historiador.

O trabalho está subdividido em dois capítulos, com os seguintes conteúdos: no primeiro capítulo, intitulado “*O P.C.B. e sua relação com a sociedade no contexto nacional e internacional dos anos 1940*”, procuramos mostrar o Partido no Brasil e no mundo da época. No segundo capítulo, intitulado “*O P.C.B. em Uberlândia e no Triângulo Mineiro: política institucional e organização da luta*”, a preocupação foi estudar as lutas empreendidas pelos comunistas da região, atuando nos mais diversos movimentos sociais.

²⁰ PORTELLI, A. O que faz a história oral diferente. **Projeto História**, São Paulo, n.14, p. 25-39, fev. 1997.

²¹ MORAES, J. G. V. de; REGO, J. M. **Conversas com Historiadores Brasileiros** (entrevista com Emília Viotti da Costa). São Paulo: Editora 34, 2002. p. 88.

²² HOBBSBAWM, E. **Sobre História**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. 336 p.

1 - O P.C.B. E SUA RELAÇÃO COM A SOCIEDADE NO CONTEXTO NACIONAL E INTERNACIONAL DOS ANOS 1940

O período da História Brasileira que aqui buscamos melhor entender é, do ponto de vista da política e dos movimentos sociais, extremamente rico. Enquanto no Brasil, em 1937, instalava-se a ditadura Vargasista, chamada Estado Novo, que durou até 1945, o mundo vivia, a partir de 1939, a Segunda Guerra Mundial.

A União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) tornou-se aliada dos Estados Unidos e do Reino Unido na luta contra os países do Eixo (Alemanha-Japão-Itália) e tal fato levou os setores da classe dominante brasileira a ter uma maior tolerância com os comunistas em nosso país.

A luta de classes foi, naquele período, deixada de lado por grande parte dos Partidos Comunistas, em função da necessidade de enfrentar o nazifascismo, como mostra Leôncio Basbaum:

*...o problema da luta de classes desaparecera e a existência de um Partido Comunista, sem sentido. Baseava-se essa tese, ainda, na dissolução do Comintern, a Internacional Comunista, nesse mesmo ano de 1943*²³.

A Alemanha concentrava o que tinha de melhor da sua máquina de guerra na *front* russo. Os Estados Unidos e o Reino Unido forneciam apoio logístico à URSS, mas adiavam o máximo possível a abertura de nova frente de combate, visando, com isso, a exaustão tanto da Alemanha quanto da União Soviética.

²³ BASBAUM, L. **História sincera da República**: de 1930 a 1960. São Paulo: Fulgor, 1968. p.126.

Os comunistas que já haviam feito grande campanha para que o Brasil declarasse guerra ao Eixo, continuavam atuando nessa direção. Leôncio Basbaum informa que,

de 1943 a 1945 desenvolveu o PCB uma grande atividade de massas, primeiro, em favor da abertura de uma 2ª frente, e a seguir, pela anistia. Ambas as campanhas se justificavam e conseguiram empolgar as massas²⁴.

Vitoriosas estas campanhas, os comunistas brasileiros empenhavam-se para que tropas brasileiras fossem enviadas ao conflito. O Partido orienta seus militantes a se voluntariarem na Força Expedicionária Brasileira (FEB), acarretando que muitos comunistas participaram dos combates na Itália.

Terminada a Segunda Guerra Mundial, ocorreu a polarização dos países do mundo sobre a influência norte-americana ou soviética. Não havia espaço para nacionalismos democráticos, como bem se nota em 1945, quando uma das primeiras providências do golpe que derrubou Getúlio Vargas foi a revogação da recém editada Lei Antitruste, que prejudicava o capital norte-americano. Em 1947, o Brasil rompeu relações diplomáticas com a União Soviética, alinhando-se completamente com os Estados Unidos. Estávamos vivenciando o início da chamada Guerra Fria.

O longo período ditatorial no Brasil não resolveu problemas crônicos da população. No campo, persistiam a grande concentração de terras e a superexploração do campesinato. Mesmo sendo o Brasil da época um país ainda majoritariamente rural, cresciam a industrialização e a urbanização em nossa sociedade.

No governo Dutra, que se estende de 1946 a 1950, no Brasil, mantinha-se o arrocho salarial, não tendo o salário mínimo nenhum aumento sequer, ao

²⁴ BASBAUM, L. **História sincera da República**: de 1930 a 1960. São Paulo: Fulgor, 1968. p.128.

passo que a inflação continuava crescente. Pomar sintetiza bem a situação econômica do país naqueles anos:

Nos dois primeiros anos do governo, o liberalismo econômico reinou absoluto, o que se traduziu na retirada dos controles estatais do mercado, na supressão das normas reguladoras da entrada e saída de capitais, no câmbio valorizado e na atitude de inação diante da “queima” das reservas em dólares obtidas durante a Segunda Guerra Mundial.

Na segunda metade do mandato, os fatos econômicos marcantes foram a desvalorização da moeda e a inflação em alta, que infligiram perdas elevadas ao poder aquisitivo dos salários²⁵.

A crescente classe operária e a pequena burguesia brasileira, em especial nos grandes centros urbanos, buscavam canais de organização e expressão de seus interesses, transformando-se em personagens cada vez mais atuantes na luta política. O P.C.B. tornou-se em um importante canal de manifestação daqueles que até então não tinham como participar do jogo político. Isto é bem demonstrado por Gildo Marçal Brandão:

Num país onde a atividade política foi sempre uma prerrogativa de elite, onde a classe dominante utilizou vários partidos ao longo do tempo e, de fato, fez do estado o seu verdadeiro partido, o comunista é um dos raros sobre os quais se pode dizer que se trata de uma formação social permanente no sentido de Gramsci, ou seja, uma atividade política que nasce enraizada na economia, uma paixão organizada de modo permanente, uma forma política que é índice da entrada de massas na vida política – elementos que estão na base de sua longevidade e capacidade de sobrevivência²⁶.

²⁵ POMAR, P. E. da R. **Dutra, Adhemar e a repressão ao PCB: o incidente de Ribeirão Preto (1949).** 2000. 247 f. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca. 2000.

²⁶ BRANDÃO, G. M. **A esquerda positiva: as duas almas do Partido Comunista – 1920/1964.** São Paulo: Hucitec, 1997. p. 26.

Soma-se a isto as condições externas desfavoráveis à manutenção do governo ditatorial e tem-se o processo de redemocratização da sociedade brasileira.

Os estreitos limites da democracia, que chegava, logo se mostraram. As elites oligárquicas brasileiras não conseguiram romper com o seu passado extremamente conservador, não suportando que o Estado superasse sua herança clientelista e cartorial. Como escreveu Evaristo Giovanetti Netto:

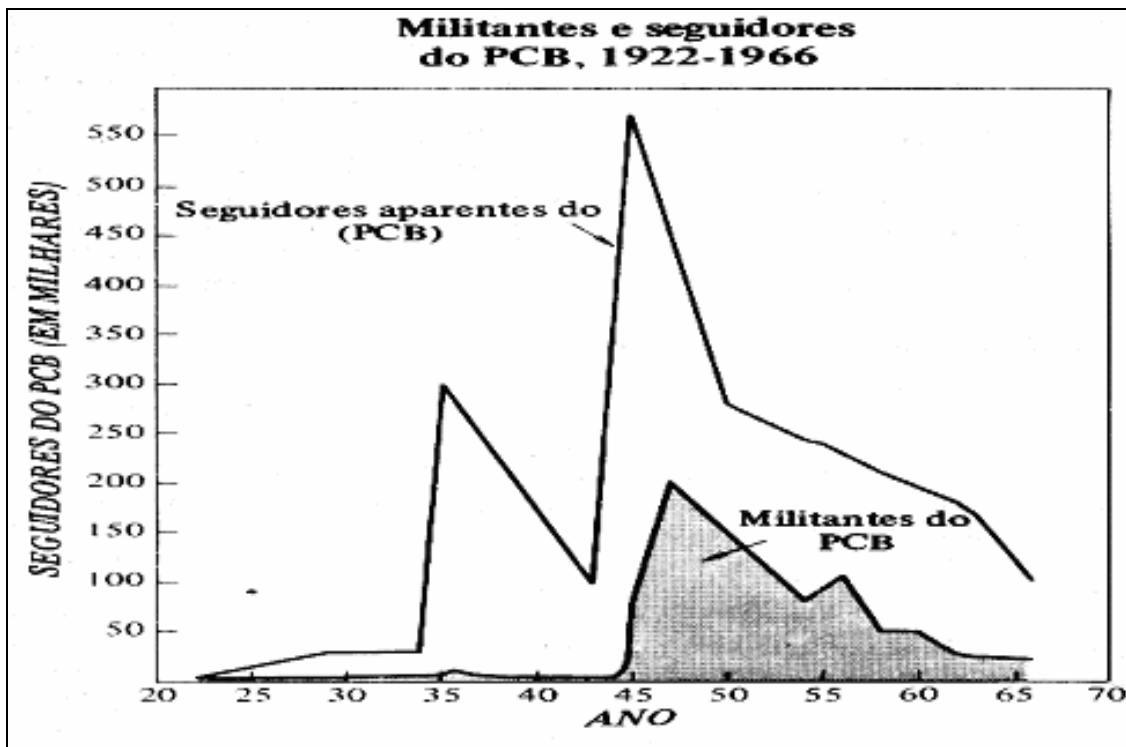
*O aparelho de Estado manteve-se em toda a sua incolumidade, instrumentalizado pelas classes dominantes, para assegurar a sujeição da sociedade aos seus desígnios, de modo a garantir a continuidade do processo de exploração capitalista, pela reprodução das condições de produção*²⁷.

Reconhecer que a cultura do autoritarismo estava presente em nossa democracia é algo que não pode deixar de ser feito, em face da imensa força que a referida cultura tinha sobre a sociedade; mas devemos cuidar para não incorreremos no erro de não valorizarmos os espaços democráticos e as conquistas sociais que neles foram conseguidos.

No gráfico de Ronald Chilcote, reproduzido a seguir, mesmo que com informações estimadas, podemos verificar que o número de membros do P.C.B. diminui acentuadamente nos períodos ditatoriais em que ocorreu severa repressão.

A quantidade de seguidores aparentes do Partido caiu drasticamente após a chamada Intentona Comunista de 1935 e também no início de 1947, quando é cassado o registro do P.C.B., voltando o mesmo à clandestinidade. Isto se aplica, principalmente em 1947, ao número de militantes.

²⁷ GIOVANETTI NETTO, E. **O PCB na Assembléia Constituinte de 1946**. São Paulo: Novos Rumos, 1986. p.12.

GRÁFICO 1 – Militantes e seguidores do PCB, 1922-1966

Fonte: CHILCOTE, R. H. *Partido Comunista Brasileiro: Conflito e integração – 1922-1972*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1982. p. 182.

Constatada esta proporcionalidade entre o aumento da repressão e a queda no número de militantes e simpatizantes do P.C.B., verificamos a grande importância da democracia, mesmo que com suas limitações, no avanço dos movimentos sociais como um todo.

1.1 – O Partido, sua organização e seu desempenho

No início dos anos 1940, o Partido encontrava-se em situação extremamente desfavorável. A feroz repressão foi alimentada indiretamente pelo próprio Partido ao dar respaldo para o levante de 1935, que tentava ocupar o poder por intermédio de um golpe militar. De acordo com Moisés Vinhas,

Na verdade, não houve nenhuma participação de massa nos acontecimentos de 1935. Sequer o Partido teve conhecimento antecipado e participação no levante. Tanto é assim, que a maioria dos secretários políticos estaduais desconheciam a decisão tomada, afinal, pelo braço armado do Partido, que praticamente atuava com independência²⁸.

Essa repressão teve continuidade com a fraude governamental do Plano Cohen, criado para justificar o golpe de 1937. Novas ondas de prisões sucederam-se em 1939 e 1940.

Desarticulou-se a organização, atuando os militantes, na maioria das vezes, sem maiores vínculos orgânicos. Não existia, naquele momento, nem o partido de quadros, que Prestes vinha montando, nem o partido de massas, que Astrogildo vislumbrara.

O movimento antifascista cresceu a partir de 1942 e a ditadura no Brasil foi se enfraquecendo. Getúlio, apesar da forte identidade com os países do eixo, pressionado internamente por movimento popular cada vez mais amplo e, externamente, pelos Estados Unidos, ainda em 1942 declarou guerra ao nazifascismo.

Diferentes grupos internos do P.C.B. disputaram posições no processo de reorganização partidária, destacando-se, primeiramente, aqueles liderados por Fernando Lacerda, que defendiam a dissolução do Partido, visando a derrota do nazifascismo; em segundo, o chamado grupo paulista, representado por Caio Prado Junior e Heitor Ferreira Lima, que defendiam o combate simultâneo ao Estado Novo e aos países do eixo e, por último, os cariocas da chamada Comissão Nacional de Organização Provisória (CNOP), aos quais se somaram, conforme a opinião de Leôncio Basbaum²⁹, “...elementos novos no movimento fugidos da Bahia e que – com alto sentido oportunista e direitista – esperava atingir o poder em um novo Comitê Central a ser formado”. Entre estes, encontravam-se Giocondo Dias, Carlos Marighela e Maurício Grabois,

²⁸ VINHAS, M. **O Partidão: a luta por um partido de massas (1922 – 1974)**. São Paulo: Hucitec, 1982. p.72.

²⁹ BASBAUM, L. **História sincera da República: de 1930 a 1960**. São Paulo: Fulgor, 1968. p.127.

que defendiam o apoio ao governo numa “união nacional” em defesa da democracia e contra o nazismo. Este último grupo, alinhado com Prestes, obteve sucesso, realizando, em 1943, a chamada Conferência da Mantiqueira (II Conferência) que, além de promover à direção nacional do Partido novos dirigentes, confirma Luiz Carlos Prestes, o chamado “Cavaleiro da Esperança”, mesmo que na prisão, como Secretário Geral.

Define-se a política de união nacional contra o nazifascismo entendendo-se que a democracia viria neste contexto, não havendo necessidade de enfrentamento ao regime de Vargas, que neste mesmo ano institui a CLT (Consolidação das Leis do Trabalho).

Em 1944, greves são duramente reprimidas e Getúlio Vargas promete eleições após o término da grande guerra; com isso, distanciam-se dele os líderes militares Dutra e Góis Monteiro, que foram fundamentais na implantação e na sustentação da ditadura do Estado Novo.

No ano de 1945 rompeu-se com a censura do Departamento de Imprensa e Propaganda, fundou-se a União Democrática Nacional e o Partido Social Democrata e, em 18 de abril, foram anistiados centenas de presos políticos. Surgiram, também, o Partido Democrata Cristão e o Partido Trabalhista Brasileiro. Foi fundado o Partido da Representação Popular, de Plínio Salgado, e o P.C.B. promoveu gigantescos comícios com Prestes apoiando Vargas e a redemocratização.

Vargas foi deposto pelo seu próprio esquema militar, que revogou a Lei Antitruste imediatamente, mas, mesmo assim, apoiou o ex-presidente a candidatura Dutra nas eleições que se realizaram em dezembro daquele ano.

Além de Prestes, senador, o P.C.B. elegeu 14 deputados constituintes e obteve quase 10% dos votos válidos para a presidência da república, representada pelo desconhecido candidato Yeddo Fiúza, tornando-se a quarta maior força partidária do país. A TABELA 1, vista a seguir, apresenta um panorama comparativo razoável do desempenho dos principais candidatos à presidência da República.

TABELA 1 – As eleições presidenciais de 1945

Total de votos recebidos	Eurico Dutra (PSD)	Eduardo Gomes (UND)	Yeddo Fiúza (PCB)	Total de votos válidos
Guanabara	166.147	183.984	134.735	490.255
Minas Gerais	478.503	339.463	16.699	834.969
Rio Grande do Sul	447.462	110.444	50.199	608.446
São Paulo	780.546	377.613	192.867	1.353.445
Total em 4 estados	1.872.658	1.011.504	394.500	3.287.125
	(56%)	(30%)	(12%)	(55,99%)
Total nacional	3.251.507	2.039.341	569.818	5.870.667
	(55,3%)	(34,7%)	(9,7%)	(100%)

Fonte: CHILCOTE, R. H. **Partido Comunista Brasileiro**: Conflito e integração – 1922-1972. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1982. p. 101

A relação nominal dos deputados eleitos com suas respectivas votações e quais os estados que representavam pode ser vista em Giovanetti Netto³⁰.

Simultaneamente aos trabalhos constituintes de 1946, os movimentos de trabalhadores urbanos e rurais ganharam força cada vez maior, apesar da repressão do recém eleito governo Dutra.

Os comunistas muito colaboraram com o recrudescimento das lutas populares ao definirem mudanças em sua política, em janeiro de 1946, entendendo que a “União Nacional”, até então proposta, deveria ser compreendida, então, sobre novas bases, segundo relata Segatto et al.³¹, como parte do informe político - “O P.C.B. na Luta pela Paz e pela Democracia” -, a luta pela ordem e pela tranquilidade é, basicamente, a luta “contra tudo aquilo que venha a agravar a situação econômica das massas”. No meio do ano, realizou-se a III Conferência Nacional do P.C.B., confirmando a linha de atuação que vinha sendo implementada.

³⁰ GIOVANETTI NETTO, E. **O PCB na Assembléia Constituinte de 1946**. São Paulo: Novos Rumos, 1986. 210 p.

³¹ SEGATTO, J. A. et al. **PCB 1922-1982**: memória fotográfica. São Paulo: Brasiliense, 1982. 175 p.

Ainda no ano de 1946 é promulgada a nova Constituição, na qual não constam as propostas comunistas de irrestrito direito de greve e plena liberdade e autonomias sindicais.

No início de 1947 ocorreram eleições estaduais e o Partido repetiu seu bom desempenho, conseguindo eleger 46 deputados para as Assembléias Legislativas, por todo o país, como demonstra Chilcote³².

Em maio o Tribunal Superior Eleitoral aprovou a cassação do registro do Partido e o Ministro da Justiça mandou a polícia fechar as sedes partidárias em todo o Brasil. A Confederação Geral dos Trabalhadores do Brasil foi fechada pelo Ministério do Trabalho e até o término do governo Dutra 400 sindicatos teriam sofrido intervenção.

Da tribuna do senado, Prestes pediu a renúncia de Dutra e, por meio do senador Ivo de Aquino do PSD (Partido Social Democrático); logo vem a resposta: projeto de lei propondo a cassação do mandato de todos os eleitos pelo proscrito P.C.B. Em novembro, ocorreram eleições municipais e os comunistas, candidatando-se por outras legendas partidárias, conseguiram expressiva votação, notadamente nos grandes centros urbanos, com grande concentração operária. Acredita-se que o Partido tenha eleito 250 vereadores pelo Brasil afora ou mais, conforme Danilevitch e Moacir Longo (*apud* Gildo Marçal Brandão)³³.

De acordo com Moisés Vinhas³⁴, “O PCB foi majoritário em grandes centros populacionais, como o Distrito Federal, São Paulo, Recife, Natal, Aracaju, Santos, Campinas, Sorocaba e Olinda”.

Iniciou-se o ano de 1948 com o aumento de prisões e depredações de jornais de orientação comunista por todo o país, tais como o Jornal Hoje, de São Paulo, o Tribuna Popular, do Rio de Janeiro, O Momento, da Bahia, Folha

³² CHILCOTE, R. H. **Partido Comunista Brasileiro: conflito e integração 1922 – 1972**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1982. 413 p.

³³ BRANDÃO, G. M. **A esquerda positiva: as duas almas do Partido Comunista – 1920/1964**. São Paulo: Hucitec, 1997. p. 186.

³⁴ VINHAS, M. **O partidão: a luta por um partido de massas 1922 – 1974**. São Paulo: Hucitec, 1982. p. 88.

do Povo, do Rio Grande do Norte e Jornal do Povo, de Alagoas. No dia 10 de janeiro, o Congresso Nacional aprovou a cassação dos mandatos dos eleitos pelo P.C.B. e a direção nacional do Partido divulgou o Manifesto de Janeiro³⁵, em que radicalizou a sua política:

...todas as conquistas democráticas vão sendo pouco a pouco abolidas e a Constituição sistematicamente violada. O direito de reunião, continuamente ameaçado desde a chacina do Largo da Carioca, em 23 de maio de 1946, já é praticamente inexistente; a liberdade de imprensa está reduzida a farrapos [...] A liberdade sindical foi praticamente anulada [...] O direito de associação igualmente [...] e, finalmente, com a sentença que cassou o registro eleitoral do P.C.B.³⁶.

A derrubada do governo passou a ser a tarefa imediata dos comunistas e caminhos sectários são escolhidos para isso. A formação de sindicalismo paralelo, greves deflagradas a qualquer custo e outras medidas extremadas levaram ao estreitamento da ação do Partido e a um crescente isolamento.

Em 1950, o Comitê Nacional do P.C.B. lançou o Manifesto de Agosto, também intitulado Frente Democrática de Libertação Nacional³⁷, no qual confirmou e detalhou as posições de 1948 e pregava o voto em branco nas eleições do final do ano, que elegeu Getúlio Vargas presidente do Brasil.

Os militantes da base partidária foram sentindo os erros da tática proposta pela direção e resistiram cada vez mais a implementarem tão estreita política, permanecendo durante alguns anos esta ambígua situação no Partido.

Iniciou-se aí o declínio da hegemonia que o P.C.B. exerceu sobre os movimentos populares e sociais, o que tentaremos discutir melhor na conclusão desta monografia.

³⁵ Disponível na íntegra na obra de CARONE, E. **O P.C.B. 1943 a 1964**. São Paulo: Difel, 1982. p. 72-89.

³⁶ Ibid, p. 72.

³⁷ Ibid, p.108-112

2 - O P.C.B. EM UBERLÂNDIA E NO TRIÂNGULO MINEIRO: política institucional e organização da luta

Como já demonstrado na introdução desta monografia, o P.C.B. deve ter funcionado, enquanto organização partidária em Uberlândia, desde inícios dos anos 1930.

Nelson Cupertino, que segundo monografia de Ricardo P. de Oliveira³⁸, teria se filiado ao Partido no ano de sua fundação (1922), em Juiz de Fora, voltou a morar em Uberlândia em 1930, compondo com o professor Mário de Magalhães Porto, o irmão e também professor deste, Milton Porto, e outros, ativo núcleo de intelectuais de esquerda, com forte ascendência entre os jovens.

Desde início dos anos 1920 tem-se registro de manifestações na imprensa local, tanto de artigos favoráveis ao socialismo, a Lênin e à URSS, bem como, em quantidade maior, de artigos de cunho explicitamente anticomunista.

Legalizado o P.C.B., em 1945, organizaram-se comitês municipais em Uberlândia e em outras cidades do Triângulo Mineiro, tais como Uberaba, Araguari, Ituiutaba, Canápolis e Toribaté (atual Monte Alegre). Cria-se, também, o Comitê de Zona do P.C.B. do Triângulo Mineiro, sediado em Uberlândia. Como demonstra Idalice Ribeiro Silva,

*em Uberlândia, o Comitê Municipal do PCB foi fundado em 12 de agosto de 1945 e, a partir desse momento, os comunistas passaram a atuar na cidade e no campo, coordenando, inclusive, as atividades do partido na região, uma vez que o Comitê de Zona (Regional) do Triângulo Mineiro estava instalado em Uberlândia. De junho a dezembro de 1945, processou-se também a organização e instalação de diversos comitês do PCB em outros municípios do Triângulo Mineiro e do Sudoeste Goiano*³⁹.

³⁸ OLIVEIRA, R. P. de. **A “intentona comunista” em Uberlândia, reflexos da “Tradição Revolucionária”**: o comunismo nos anos 1933-1935. 2003. 45 f. Monografia (Graduação em História) - Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2003. p.39.

³⁹ SILVA, I. R. **“Flores do mal” na Cidade Jardim: comunismo e anticomunismo em Uberlândia 1945-1954**. 2000. 444 f. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 2000. p. 21.

Conforme verificamos na Tabela 1, o candidato do P.C.B. à presidência da República teve votação pouco expressiva em Minas Gerais, se compararmos com seu desempenho em outros estados. Enquanto no Brasil obteve 9,7% dos votos, em Minas atingiu pouco mais de 2% dos sufrágios válidos.

Os desempenhos eleitorais demonstrados na TABELA 2, a seguir, é uma forte evidência do trabalho orgânico desenvolvido pelo Partido no Triângulo Mineiro, anteriormente à legalidade.

TABELA 2 - Desempenho eleitoral de Yeddo Fiúza nas Zonas Eleitorais influenciadas pelo Comitê de Zona do P.C.B. do Triângulo Mineiro

Candidato	154ª Zona – Uberlândia	148ª Zona – Toribaté (Toribaté – Canápolis – Centralina – Sucuri – Flores)
	Votação	Votação
Eurico Gaspar Dutra	5.532	869
Eduardo Gomes	3.403	605
Yeddo Fiúza	1.751	559
Mário Rolim Teles	00	00

Fonte: Resultado das eleições para presidente da República realizadas em 02 de dezembro de 1945. Arquivo do Tribunal Regional Eleitoral de Minas Gerais, Minas Gerais, 2000. (ibid, p. 199).

Como é possível perceber, Yeddo Fiúza obteve, em Uberlândia, 16,4% dos votos e na Zona Eleitoral de Toribaté, que compreende, além da própria Toribaté os municípios de Canápolis, Centralina, Sucuri e Flores, espantosos 27,5%, o que significa, respectivamente, a segunda e primeira melhores votações alcançadas no estado de Minas Gerais.

Na TABELA 3, que se segue, para efeito comparativo, demonstramos o quadro de votação da capital, Belo Horizonte (7,5%), de Juiz de Fora (5,2%), cidade que vários autores apontam como berço do P.C.B. em Minas Gerais. Na operária Nova Lima (16,1%), aonde já se comprova, entre outros, através do

livro de Yonne Grossi⁴⁰, a vida partidária clandestina anterior a 1945, o que também se evidencia pela maior porcentagem de votos que os comunistas ali obtiveram.

TABELA 3 – Desempenho eleitoral de Yeddo Fiúza em outras Zonas Eleitorais Mineiras

Candidato	18ª Zona – Belo Horizonte
	Votação
Eurico Gaspar Dutra	30.915
Eduardo Gomes	37.882
Yeddo Fiúza	5.554
Mário Rolim Teles	171

Candidato	72ª Zona – Juiz de Fora
	Votação
Eurico Gaspar Dutra	16.971
Eduardo Gomes	8.953
Yeddo Fiúza	1.414
Mário Rolim Teles	27

Candidato	94ª Zona – Nova Lima
	Votação
Eurico Gaspar Dutra	5.958
Eduardo Gomes	1.305
Yeddo Fiúza	1.394
Mário Rolim Teles	2

Fonte: Resultado das eleições para presidente da República realizadas em 02 de dezembro de 1945. Arquivo do Tribunal Regional Eleitoral de Minas Gerais. Retirado de SILVA, I. R. “**Flores do mal**” na Cidade Jardim: comunismo e anticomunismo em Uberlândia 1945-1954. 2000. 444 f. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 2000 ⁴¹.

⁴⁰ GROSSI, Y. de. S. **Mina de Morro Velho: a extração do homem**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981. 265 p.

⁴¹ SILVA, I. R. “**Flores do mal**” na Cidade Jardim: comunismo e anticomunismo em Uberlândia 1945-1954. 2000. 444 f. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 2000.

Chegou-se às eleições municipais de 1947 com o P.C.B. cassado, mas com seus militantes atuando às claras. Vivia-se o que podemos chamar de semilegalidade.

Em Uberlândia, os comunistas abrigados em outra legenda são quatro dos 15 vereadores eleitos: o médico Virgílio Mineiro, o dentista prático Roberto Margonari, o professor e contador Henckmar Borges e o operário Enoque Caldeira de Paiva.

O Partido em Nova Lima, como demonstrado em Grossi⁴², obteve, também, excelentes resultados nesta eleição, superando até os de Uberlândia. Elegeu o vice-prefeito, o juiz de paz (que a autora relata como cargo à época ocupado por sufrágio popular) e quatro dos 13 vereadores à Câmara Municipal.

Os representantes comunistas pautaram seu trabalho nos esforços de dar ressonância e cobertura legal aos mais diversos movimentos sociais, tornando-se verdadeiras linhas auxiliares destes.

No aspecto legislativo propriamente dito, mostraram-se a favor do desenvolvimento de suas regiões e do país como um todo e pronunciaram-se, inclusive, sobre políticas nacionais e internacionais. Os projetos de lei, moções e outras proposições apresentadas pelos vereadores comunistas apontavam claramente para a atuação acima explicada, apesar de que em grande parte eram derrotadas em plenário.

A direita, reunida na coligação capitaneada pela UDN (União Democrática Nacional), tem a maioria na Câmara de Uberlândia e exerce com mão de ferro sua supremacia. Na Ata de Instalação⁴³, de 3 de dezembro de 1947, percebeu-se que a totalidade dos cargos de direção da Câmara ficaram com os Udenistas, sendo negado o pedido de urgência à proposição de Margonari de envio de repúdio ao processo de cassação dos mandatos dos

⁴² GROSSI, Y. de. S. **Mina de Morro Velho**: a extração do homem. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981. p. 158.

⁴³ PREFEITURA MUNICIPAL DE UBERLÂNDIA. Arquivo Público Municipal de Uberlândia. **Atas da Câmara Municipal de Uberlândia realizadas no ano de 1947**. Fundo: Câmara Municipal, série: Atas, sub-série: Atas da Câmara Municipal. Uberlândia, 2003.

deputados constituintes eleitos pelo P.C.B., que estava tramitando no Congresso Nacional.

A repressão aos comunistas e aos movimentos populares aumentou em todo o país, não sendo Uberlândia e região exceção a isto. Pode-se constatar a gravidade do que na época ocorria por intermédio desta citação de Jover Telles, referente ao assassinato do vereador comunista de Nova Lima, William Gomes:

Como se vê, na perseguição aos líderes sindicais, os patrões e a polícia começaram a empregar a tática do assassinato, visando a intimidação dos operários e a liquidação de seu espírito de luta. No dia 7 de novembro de 1948, o líder mineiro William Gomes e seu companheiro Onésio Pereira, ambos empregados da Saint Jonh Del Rey Minning Co., empresa imperialista que explora as minas de ouro de Morro Velho, foram assassinados pela polícia da empresa. Ao tomar conhecimento desse crime, o governo do Estado mandou prender e processar os companheiros de William Gomes, enquanto deixava em liberdade os verdadeiros assassinos⁴⁴.

O P.C.B. respondeu a esta situação com mudanças em sua política, referenciadas no capítulo anterior, que o levam a um maior isolamento na sociedade. O estreitamento do leque de alianças quase que imposto pela situação vigente, somado ao medo gerado pelo aparelho repressivo do Estado, bem como pela sua máquina de propaganda, levaram o Partido a vivenciar um declínio acentuado não só em seu número de militantes, mas também em sua capacidade de atuação.

Em 1950, novas eleições municipais foram realizadas e mesmo tendo o P.C.B. em Uberlândia atuado em diversos movimentos sociais, como veremos adiante, diminui-se a votação recebida pelos comunistas. Somente Virgílio Mineiro foi reeleito para a legislatura de 1951/1954, ficando Roberto Margonari como seu suplente.

⁴⁴ TELLES, J. **O Movimento Sindical no Brasil**. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1981. p.41.

No início desta legislatura, Virgílio Mineiro renunciou em favor de seu suplente. Para que melhor entendamos o contexto desta renúncia, vejamos outras duas renúncias ocorridas. Primeiramente, na obra de Moisés Vinhas:

Não se pense, porém, que os métodos de direção eram inteiramente democráticos: [...] Outro exemplo é a imposição de candidatos de preferência da direção como deputados, apesar do resultado das urnas. O ferroviário Mário Scott, eleito deputado a Constituinte, foi forçado a renunciar em favor do primeiro suplente, Milton Cayres de Brito. Quando se discutiu o problema, em reunião na sede do Comitê Municipal, no Braz, Diógenes Arruda surpreendeu-se com a resistência de Scott à renúncia, que chegou a chorar e a falar em suicídio. O remanejamento, entretanto, foi aprovado por unanimidade. Anos depois, Mário Scott suicidou-se⁴⁵.

A segunda renúncia é-nos contada na dissertação de Pomar⁴⁶, na qual verificamos que o suplente de vereador à Câmara Municipal de Ribeirão Preto – SP, Engrácia Garcia, assumiu a vaga do vereador Décio Fernandes, ambos comunistas. O titular teria abandonado o cargo fugindo por vontade própria, na versão de Engrácia Garcia. Posteriormente, ao fato de ter perdido o mandato, Décio Fernandes teria justificado sua fuga por ter acreditado em falsa notícia de que seria preso, ou seja, a direção do Partido teria criado uma trama para beneficiar seu suplente. A polícia, por meio do DOPS (Departamento de Ordem Política e Social), apresentou versão mais dramática ainda:

porque não satisfizesse mais aos interesses da linha justa, foi seqüestrado pelos dirigentes de São Paulo e mandado, sob ameaças, para uma fazenda do norte do Paraná. Lá permaneceu, assustado com supostas ordens de prisão e espancamento que procederiam da polícia, durante o espaço de três ou quatro meses, tendo perdido o mandato. Está hoje afastado das atividades e segundo diz, do Partido Comunista, que o traiu⁴⁷.

⁴⁵ VINHAS, M. **O partidão: a luta por um partido de massas 1922 – 1974**. São Paulo: Hucitec, 1982. p. 90-91.

⁴⁶ POMAR, P. E. da R. **Dutra, Adhemar e a repressão ao PCB: o incidente de Ribeirão Preto (1949)**. 2000. 247 f. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca. 2000. p. 174-176.

⁴⁷ Relatório 448 da Ordem Social, 20.06.49, autos do processo 28.622-49, 1ª. Vara Criminal de Ribeirão Preto *apud* POMAR, P. E. da R. **Dutra, Adhemar e a repressão ao PCB: o incidente de Ribeirão Preto (1949)**. 2000. 247 f. Dissertação (Mestrado em História) da Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca. 2000. p. 176.

Ao compararmos estas renúncias, podemos verificar uma consistência que pode ser interpretada como um padrão de atuação do P.C.B. à época. O mandato era do Partido e não daquele que fora eleito.

Mário Scott suicidou-se anos depois, Décio Fernandes abandonou o Partido, mas, em Uberlândia, Virgílio Mineiro acatou a avaliação do Comitê de Zona do P.C.B., entregando o mandato a Roberto Margonari. Tal demonstração de disciplina partidária deve ter colaborado para a autocrítica que o Partido logo faz, abaixo reproduzida:

Virgílio Mineiro – candidato popular – Nota do Comitê de Zona do PCB – Após o “Manifesto de Agosto”, o PCB incorreu em vários erros de natureza esquerdista. Como já é de conhecimento público, aquele documento não correspondia à realidade brasileira. Reconhecendo os erros de orientação nele contidos, o PCB fez uma revisão crítica e autocrítica da linha política, de que resultou o atual projeto de programa, ora discutido por todo o Partido para ser finalmente aprovado. O C.Z. do Triângulo Mineiro incorreu igualmente em desvios esquerdistas anteriores ao atual projeto de programa do PCB. Entre estes desvios, foi pedida ao companheiro José V. M., então vereador, sua renúncia àquele cargo, pedido esse por ele aceito por disciplina partidária. Reconhecendo o seu erro, o C.Z. do PCB no Triângulo Mineiro faz sua autocrítica pública e desde já o corrige indicando ao povo de Uberlândia o nome do companheiro para o honroso posto de candidato a vereador ⁴⁸.

Demonstrando, ainda, seu alto grau de politização e dedicação à organização partidária, Virgílio Mineiro foi um dos candidatos do P.C.B. nas eleições de 1954. Confirma-se aquilo que já havia ficado claro nas eleições de 1950, ou seja, o declínio da força do Partido que, em 1954, viu diminuir mais ainda sua votação, não conseguindo eleger nenhum de seus candidatos à Câmara de Uberlândia.

⁴⁸ Jornal Folha Popular, editado em Uberlândia. Trecho transcrito pela Delegacia Especializada de Ordem Pública de Minas Gerais. **Certidão José Virgílio Mineiro.** Pasta 50-H-84-1551, Setor DEOPS, Arquivo do Estado de São Paulo *apud* SILVA, I. R. “**Flores do mal**” na **Cidade Jardim:** comunismo e anticomunismo em Uberlândia 1945-1954. 2000. 444 f. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 2000. p.352.

2.1 - A organização da luta em Uberlândia e Região do Triângulo Mineiro

Em Uberlândia, o P.C.B. estimulou, participou e, muitas vezes, liderou importantes movimentos sociais.

O arrocho salarial e a crescente inflação somaram-se à escassez de produtos. Com isso, durante os anos 1940, muito se mobilizou contra a carestia e o câmbio negro de produtos racionados. As mulheres desenvolveram importante papel nessas lutas, bem como nas organizações que buscavam melhorias específicas para os bairros. Sociedade Amigos da Vila Saraiva, Comitê Democrático da Vila Operária, Liga dos Amigos da Vila Carneiro e outras entidades foram criadas nos moldes que Idalice Ribeiro Silva explica bem, como vemos adiante:

As entidades que se constituíam nas vilas da cidade proclamavam-se isentas de ligações político-partidárias e propagavam que suas metas eram mobilizar/politizar os segmentos populares em defesa dos seus interesses. Sem ostentar as insígnias comunistas, essas entidades demonstraram a abrangência e a significância da atuação comunista nessas localidades, algumas delas próximas ao centro urbano, as quais afiguraram-se “focos” vermelhos. Tal foi o caso da Vila Osvaldo, onde se instalou o Comitê Distrital do PCB de Uberlândia, conglomerando as células das vilas Osvaldo, Martins, Nova e Carneiro ⁴⁹.

Noêmia Gouveia, que entrevistamos recentemente, era militante do P.C.B., bem como seu pai e suas irmãs, Irma e Filomena. Foi fundadora e 2ª secretária da Sociedade Feminina Pró-Aquisição do Açúcar, na Vila Martins, em 1946.

Em 1948, Olívia Calabria, Irma Gouveia e outras mulheres, inclusive a vereadora comunista de Araguari Hilda Ferreira, fundaram a Organização

⁴⁹ SILVA, I. R. “Flores do mal” na Cidade Jardim: comunismo e anticomunismo em Uberlândia 1945-1954. 2000. 444 f. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 2000. p. 382.

Feminina de Uberlândia, que tinha por objetivos a luta por creches, berçários e escolas, bem como pela paz⁵⁰.

Esta mesma organização se dedicou, em 1951, a realizar o I Congresso Feminino Contra a Carestia e Pela Paz. O evento foi proibido pelas entidades policiais, mas não desmarcado pelas organizadoras. Em 22 de julho de 1951, são presas por realizarem o proibido evento algumas lideranças, inclusive o vereador Roberto Margonari, que foram posteriormente enviados para Belo Horizonte. O panfleto abaixo reproduzido demonstra a imediata mobilização contra as prisões:

...O vereador Margonari foi brutalmente aprisionado no local do Congresso, não escapando à fúria policial nem mesmo uma senhorita de Uberaba, aqui vinda como delegada ao conclave.

Qual o motivo dessas estúpidas violências, que ameaçam se estender a todos patriotas uberlandenses, que lutam contra a guerra e a carestia? O governo se sente incapaz de resolver os graves problemas que afligem nosso povo e por isso se desespera frente aos clamores contra a carestia e a ameaça de guerra, e empreende ações policiais de terror, para implantar o medo e fazer calar o povo pela força das armas.

Por isto ROBERTO foi preso arbitrariamente com seus companheiros. Lutemos, pois, pela sua liberdade fechando o comércio em sinal de protesto, realizando comícios nas vilas e locais de trabalho, não nos intimidando com o terror, mostrando nossa fibra de patriotas e democratas.

**TUDO PELA LIBERDADE DE MARGONARI
E SEUS COMPANHEIROS**

ABAIXO A GUERRA E A CARESTIA! VIVA A PAZ!⁵¹

No dia seguinte, conforme depoimento de Olívia Calabria, dado a Idalice em 1994, e o de Noêmia, concedido a mim em 2003, manifestação pública pela

⁵⁰ Cartório do 1º. Ofício. Certidão. Estatutos da Organização Feminina de Uberlândia. Uberlândia, Minas Gerais. Documento do acervo dos processos da Câmara Municipal de Uberlândia. Arquivo Público Municipal apud SILVA, I. R. **“Flores do mal” na Cidade Jardim: comunismo e anticomunismo em Uberlândia 1945-1954**. 2000. 444 f. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 2000. p.382.

⁵¹ “PATRIOTAS!” (Panfleto comunista apreendido pelo DEOPS). Pasta 50-H-84. Acervo do DEOPS-SP. Arquivo do Estado de São Paulo. (Grifos do original) apud SILVA, I. R. **“Flores do mal” na Cidade Jardim: comunismo e anticomunismo em Uberlândia 1945-1954**. 2000. 444 f. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 2000.

libertação dos presos se encontrava com contingente policial já reforçado por contingentes de Belo Horizonte e Uberaba, próximas à Delegacia, onde se encontravam os presos no dia anterior, e iniciou-se confronto físico, revolido à bala pela polícia. A ex-vereadora comunista de Campo Florido, Lucília Soares Rosa e Olívia Calábria são presas por vários dias e, segundo entrevista de Olívia Calábria, “uma bala entranhou na perna de Noêmia Gouveia”, que mesmo assim conseguiu fugir⁵².

No período estudado, ocorreram também greves e movimentos reivindicatórios não só por aumentos salariais, mas também objetivando a implantação de semana inglesa como horário de trabalho.

Os motoristas de caminhão fizeram, por mais de uma vez, greves pela revogação da proibição de transporte de passageiros e contra os preços abusivos de combustíveis, vindo a obter sucessos parciais em suas lutas. Uma de suas lideranças era o comunista Élson Costa, que aqui formou-se nas lutas populares e transformou-se em liderança estadual e nacional do P.C.B. e, segundo Segatto et al., “Provavelmente a 11 de janeiro de 1975, são seqüestrados e posteriormente assassinados pela repressão Élson Costa e Hiran Pereira, membros do Comitê Central do PCB.”⁵³.

Idalice nos mostra também que, em Uberlândia, o P.C.B. abriu escola por intermédio de Irma Gouveia, na Vila das Tabocas, destinada à população carente em geral, visando a melhoria do nível educacional dos trabalhadores e não as escolas clandestinas, que o Partido começou a estruturar pelo país, que não eram destinadas à população em geral, mas sim destinadas à melhoria dos militantes partidários, preparatórias de quadros como nos conta Marco Antônio T. Coelho:

⁵² SILVA, I. R. “**Flores do mal**” na **Cidade Jardim**: comunismo e anticomunismo em Uberlândia 1945-1954. 444 f. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 2000. p.394.

⁵³ SEGATTO, J. A. et al. **PCB 1922-1982**: memória fotográfica. São Paulo: Brasiliense, 1982. p.151.

A partir de 1950, batalhando para alcançar os objetivos traçados no “Manifesto de Agosto”, o Comitê Central do PCB decidiu empreender um vasto trabalho de preparação de seus militantes, a fim de que a organização pudesse impulsionar transformações revolucionárias. Foi iniciado o chamado trabalho de educação, atividade antes inexistente entre nós⁵⁴.

Fato pouco comum ocorrido em Uberlândia foi a intervenção sindical para a remoção do diretor, que seria comunista, em sindicato *Patronal*, conforme relatado em “Flores do Mal”⁵⁵. Alcides Simão Helou era diretor do Sindicato do Comércio Varejista de Uberlândia, em 1948, por apoiar reivindicações do Sindicato dos Empregados no Comércio Varejista de Uberlândia e, principalmente, por denunciar a especulação por parte dos comerciantes atacadistas, sendo cassado de sua função.

A questão agrária foi uma das tarefas urgentes para a América Latina na concepção da Internacional Comunista de 1920, às quais os comunistas americanos dedicaram por décadas especial atenção, segundo Paulo Sérgio Pinheiro⁵⁶.

Nos anos 1940 ampliou-se muito o plantio de arroz na planície do Triângulo Mineiro. Era necessária grande produção para abastecer o crescente mercado regional, bem como Mato Grosso e Goiás. Camponeses de várias regiões do Brasil para cá se dirigiram, procurando trabalho junto aos latifúndios quer como diaristas, quer como meeiros ou terceiros. Considero ter sido o trabalho junto ao campesinato área de concentração de esforços do P.C.B. de Uberlândia e região.

Em seu livro *Herança de um sonho*, Coelho nos relata:

⁵⁴ COELHO, M. A. T. **Herança de um sonho**: as memórias de um comunista. Rio de Janeiro: Record, 2000. p. 141.

⁵⁵ SILVA, I. R. “**Flores do mal**” na Cidade Jardim: comunismo e anticomunismo em Uberlândia 1945-1954. 2000. 444 f. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 2000. p.311.

⁵⁶ PINHEIRO, P. S. **Estratégias da ilusão**: a Revolução Mundial e o Brasil – 1922 – 1935. São Paulo: Companhia das Letras, 1981. 379 p.

Sáíamos de Uberlândia em caminhões ou em automóveis de companheiros, comendo poeira, no escuro das noites, para burlar a vigilância da polícia e dos “bate-paus” dos fazendeiros. Depois eram as longas caminhadas pelas trilhas, para chegar aos grotões onde residiam e trabalhavam os lavradores. Dormíamos em casebres de pau-a-pique ou nas tulhas de palha de arroz, sob o teto das estrelas. (...) Os lavradores aderiam em massa a um partido que prometia dividir os latifúndios, dando um pedaço de terra a cada família. Eram estruturados em “células por córrego”, única referência geográfica na vastidão dos latifúndios. Nessa atividade, além de dedicados companheiros de Uberlândia, se destacavam Roberto Margonari e Élon Costa⁵⁷.

A partir de 1946 várias ligas camponesas foram constituídas na região, destacando-se as de Sucupira, Martinésia, Cruzeiro dos Peixotos, entre outras. Apesar de alguns comunistas locais acreditarem ser os primeiros do Brasil, Irineu Luiz de Moraes (com quem integrei, em 1982, o Comitê Municipal de Ribeirão Preto do P.C.B.) organizou em 1945 a Liga Camponesa de Dumont, como demonstrado na obra de Welch e Geraldo⁵⁸.

A organização do P.C.B. em “células por córrego”, anteriormente descrita, pode ser confirmada por notícia do Jornal Correio de Uberlândia, sobre o trabalho de repressão exercido pela polícia, abaixo transcrita:

Foram realizadas diligências nos córregos de “Condugo”, da Areia dos Bois, do Bálsamo, do Bebedouro, do Solta Cavalo, do Cerrado, todos eles pequenos núcleos onde está, de maneira impressionante, difundida a doutrina do Kremlin. Em cada córrego há um ou dois “sabidões”, chefes de células, ignorantes e rústicos, porém, que exercem influência sobre os companheiros⁵⁹.

⁵⁷ COELHO, M. A. T. **Herança de um sonho**: as memórias de um comunista. Rio de Janeiro: Record, 2000. p. 115.

⁵⁸ WELCH, C., GERALDO, S. **Lutas camponesas no interior paulista**: memórias de Irineu Luiz de Moraes. São Paulo: Paz e Terra, 1992. 213 p.

⁵⁹ Desarticulado em Canápolis um movimento destinado a provocar desassossego e inquietação. **Correio de Uberlândia**. Uberlândia, 08/04/1948, ano 11, n.2.378, p.1, c.1-5 apud SILVA, I. R. **“Flores do mal” na Cidade Jardim**: comunismo e anticomunismo em Uberlândia 1945-1954. 2000. 444 f. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 2000. p.269.

Canápolis sediaria, em 25 de abril de 1948, um Congresso Nacional dos Trabalhadores Rurais, e Noêmia Gouveia, que já estava a serviço do Partido em Belo Horizonte, é mandada para auxiliar na realização do evento que acabou não ocorrendo em função da proibição e da repressão por parte da polícia. Em seu relato, na íntegra em anexo, por nós coletado:

Mas tem um outro que eu já voltei de Belo Horizonte, foi um congresso de Canápolis e Capinópolis que fizeram um encontro e a polícia deu em cima de nós, e nós dormiu num arrozal lá dum companheiro, estragamos tudo o arrozal que nós dormimos no meio do arrozal. [...] No outro dia todo mundo se espalhou, né, cada um foi pra um lado, não foi preso ninguém, esse não foi preso, mas no outro foi.

Em 1950, na região da Liga Camponesa de Canápolis, radicalizou-se a luta. Como Coelho nos conta, os meeiros da fazenda dos ingleses estavam sendo expulsos da terra pois os arrozais estavam sendo substituídos por pasto para o gado, que deveria abastecer o frigorífico Anglo de Barretos-SP. Segundo orientação do Partido, os camponeses passaram a arrancar as mudas de capim plantadas e vários deles são presos, ocasionando o que vemos na citação a seguir:

Em Uberlândia decidiu-se promover uma campanha contra a expulsão dos lavradores e libertar os presos na marra. Para tanto, foi organizada uma caravana a Monte Alegre. Os companheiros cercaram a cadeia, mas não puderam invadi-la porque os policiais resistiram. E os presos foram transferidos para a delegacia policial de Uberlândia. Os jornais de Belo Horizonte noticiaram os fatos, denunciando a existência de uma “rebelião comunista” no Triângulo. O chefe do DOPS, José Henrique Soares, seguiu com reforços para Uberlândia. [...] Resolvemos ajudar com o que pudéssemos os camaradas do Triângulo, enviando uma força-tarefa, qual o exército de Brancaleone. Fiquei encarregado de levar equipamento gráfico, quase da época de Gutenberg, pesadíssimo, além de três fuzis, mais a munição⁶⁰.

Em agosto de 1950, a direção do P.C.B., reafirmando e melhor explicitando as alterações de sua política, que já vinham ocorrendo desde o

⁶⁰ COELHO, M. A. T. **Herança de um sonho**: as memórias de um comunista. Rio de Janeiro: Record, 2000. p.117.

Manifesto de Janeiro (de 1948), publicou a resolução intitulada Frente Democrática de Libertação Nacional. Esta continha um programa de nove itens, sendo que o último deles dá a medida da radicalidade que se propõe para o momento. Intitula-se “Por um exército popular de libertação nacional” e o reproduzimos como se encontra no livro de Edgard Carone:

Por um exército popular de libertação nacional – Expulsão das forças armadas de todos os fascistas e agentes do imperialismo e imediata reintegração em suas fileiras dos militares delas afastados por motivo de sua atividade democrática e revolucionária. Livre acesso das praças de pré ao oficialato de suas respectivas corporações. Armamento geral do povo e reorganização democrática das forças armadas na luta pela libertação nacional e para a defesa da nação contra os ataques do imperialismo e de seus agentes no país⁶¹.

Durante os anos que se seguiram, notícias esparsas na imprensa da região alardeavam a formação, no Triângulo Mineiro, de um Exército de Libertação Nacional, como citado por Idalice⁶². Boletins reservados da polícia, por ela também citados, informam que o comunista Oswaldo Malaquias seria o comandante de efetivo de 45 homens e de que grande quantidade de munição (cinquenta mil tiros) estaria sendo distribuído às células do P.C.B. na região por Roberto Margonari.

Em 1955, o exército brasileiro como noticiado no Jornal Imprensa Popular, na página 403 da obra anteriormente citada, ocupou esta região com 800 soldados sediados em Uberlândia, visando o conhecimento real da situação e, se necessário fosse, dar combate aos comunistas. Ainda de acordo com a mesma fonte, duas centenas de pessoas tiveram que prestar depoimentos e os comunistas mais conhecidos, como Roberto Margonari, Oswaldo Malaquias e outros, tiveram suas casas revistadas.

Nenhuma prova ou evidência de movimento armado foi encontrado e o que de fato pode ter ocorrido nesta região no início dos anos 50 ficará por ser melhor estudado.

⁶¹ CARONE, E. **O PCB 1943 a 1964**. São Paulo: Difel, 1982. p. 111.325 p.

⁶² SILVA, I. R. “**Flores do mal**” na Cidade Jardim: comunismo e anticomunismo em Uberlândia 1945-1954. 2000. 444 f. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 2000. p. 399.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O P.C.B. existiu em Uberlândia talvez a partir da segunda metade da década de 1920, e certamente a partir do início dos anos 1930. De um núcleo inicial de professores e intelectuais desenvolveu-se, como verificamos neste trabalho, até tornar-se referência fundamental nas lutas dos trabalhadores, confundindo-se até o Partido e os movimentos sociais como se fossem um corpo só. Organizado como um partido de quadros, seus poucos militantes constituíram uma vanguarda revolucionária com forte poder de atuação junto às massas. Conseguiu-se, com isso, uma enorme inserção junto à população, produzindo expressivos movimentos sociais. Tornou-se o Partido em significativo canal de expressão para os operários e camponeses na política institucional, cenário do qual, até então, estavam totalmente excluídos.

Nesse contexto, foram formados militantes que vieram a ser quadros dirigentes, tanto em âmbito estadual, quanto nacional, como Noêmia Gouveia, que atuou no estado de Goiás e em Belo Horizonte e Élson Costa, integrante do Comitê Central, assassinado pela polícia em 1975.

Ao atuarem dessa forma, os comunistas da região atraíram para si a fúria dos setores conservadores da sociedade, sendo combatidos pelo Estado e pela classe dominante local, por meio da constante combinação de violenta repressão e eficiente campanha publicitária anticomunista.

Radicalizaram sua atuação ao serem expulsos da política institucional e, com isso, acabaram por cair em grande isolamento, com o conseqüente declínio de seu poder de intervenção na realidade.

Entenderam a necessidade da democracia para a construção de uma sociedade em que não houvesse exploração do homem e também a relevância de se construir um poderoso partido de massas.

Em suma, tiveram seus projetos políticos derrotados em curto prazo, mas seu exemplo de dedicação à humanidade não será esquecido.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BANDEIRA, M., MELO, C., ANDRADE, A. T. **O ano vermelho: a Revolução Russa e seus reflexos no Brasil.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967. 418 p.

BASBAUM, L. **História sincera da República: de 1930 a 1960.** São Paulo: Fulgor, 1968. 252 p.

BEZERRA, G. **Memórias: primeira parte: 1900-1945.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980. 345 p.

_____. **Memórias: segunda parte: 1946-1969.** Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1980. 255 p.

BRANDÃO, G. M. **A esquerda positiva: as duas almas do Partido Comunista – 1920/1964.** São Paulo: Hucitec, 1997. 290 p.

BRANDÃO, O. **Combates e batalhas.** São Paulo: Alfa-Ômega, 1978. 406 p.

CARONE, E. **O P.C.B. 1943 a 1964.** São Paulo: Difel, 1982. 325 p.

CARONE, E. et al. Memória & História. **Revista do Arquivo Histórico do Movimento Operário Brasileiro,** São Paulo, Livraria Editora Ciências Humanas, n.1, p.7-214, 1981.

CHILCOTE, R. H. **Partido Comunista Brasileiro: conflito e integração 1922 – 1972.** Rio de Janeiro: Edições Graal, 1982. 413 p.

COELHO, M. A. T. **Herança de um sonho: as memórias de um comunista.** Rio de Janeiro: Record, 2000. 528 p.

FERREIRA, J. **Prisioneiros do Mito Cultura e imaginário político dos comunistas no Brasil (1930-1956).** Niterói: EDUFF, Rio de Janeiro: MAUAD, 2002. 315 p.

FONTANA, J. **História: análise do passado e projeto social**. Bauru: Edusc, 1998. 400 p.

GIOVANETTI NETTO, E. **O PCB na Assembléia Constituinte de 1946**. São Paulo: Novos Rumos, 1986. 210 p.

GROSSI, Y. de. S. **Mina de Morro Velho: a extração do homem**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981. 265 p.

GOUVEIA, N. **O P.C.B. em Uberlândia**. 7 out. 2003. Entrevista concedida a Luciano Patrice Garcia Lepera.

HOBBSAWM, E. **A era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. 598p.

_____. **Sobre História**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. 336p.

LIMA, H. F. **Caminhos Percorridos**. São Paulo: Brasiliense, 1982. 303 p.

MORAES, J. G. V. de; REGO, J. M. **Conversas com Historiadores Brasileiros** (entrevista com Emília Viotti da Costa). São Paulo: Editora 34, 2002. 400 p.

MORAES, D. de., VIANA, F. **Prestes: lutas e autocríticas**. Petrópolis: Vozes, 1982. 227 p.

OLIVEIRA, R. P. de. **A “intentona comunista” em Uberlândia, reflexos da “Tradição Revolucionária”**: o comunismo nos anos 1933-1935. 2003. 45 f. Monografia (Graduação em História) - Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia. 2003.

PEREIRA, A. **Formação do PCB: (Partido Comunista Brasileiro – 1922-1928)**. Lisboa: Prelo, 1976. 171 p.

PINHEIRO, P. S. **Estratégias da ilusão: a Revolução Mundial e o Brasil – 1922 – 1935**. São Paulo: Companhia das Letras, 1981. 379 p.

PINHEIRO, P. S., ROIO, M. del. **Combates na História: a trajetória de Heitor Ferreira Lima**. Rio de Janeiro: Paz e Terra; São Paulo: FAPESP, 1990. 165 p.

POMAR, P. E. da R. **Dutra, Adhemar e a repressão ao PCB: o incidente de Ribeirão Preto (1949)**. 2000. 247 f. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Franca. 2000.

PORTELLI, A. O que faz a história oral diferente. **Projeto História**, São Paulo, n.14, p.25-39, fev. 1997.

PREFEITURA MUNICIPAL DE UBERLÂNDIA. Arquivo Público Municipal de Uberlândia **Atas da Câmara Municipal de Uberlândia realizadas no ano de 1947**. Fundo: Câmara Municipal, série: Atas, sub-série: Atas da Câmara Municipal. Uberlândia, 2003.

PRESTES, M. **Meu companheiro: 40 anos ao lado de Luiz Carlos Prestes**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993. 188 p.

PRIORI, A. **O PCB e a Questão Agrária: os manifestos e o debate político acerca dos seus temas**. In: MAZZEO, A. C. e LAGO, M. I. **Corações Vermelhos Os comunistas brasileiros no século XX**. São Paulo: Cortez, 2003. p. 61-81.

ROIO, M. del. **A classe operária na Revolução Burguesa: a política de alianças do PCB: 1928-1935**. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1990. 338 p.

SANTANA, M. A. **Homens partidos: comunistas e sindicatos no Brasil**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2001. 311 p.

SEGATTO, J. A. et al. **PCB 1922-1982: memória fotográfica**. São Paulo: Brasiliense, 1982. 175 p.

SILVA, A. M., PINHEIRO, M. S. de F., FREITAS, N. E. de. **Guia para normatização de trabalhos técnico-científicos**. Uberlândia: Edufu, 2000. 163 p.

SILVA, I. R. **“Flores do mal” na Cidade Jardim: comunismo e anticomunismo em Uberlândia 1945-1954.** 444 f. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 2000.

SODRÉ, N. W. **A Coluna Prestes: análise e depoimentos.** Rio de Janeiro: José Olympio Editora: 1985. 128p.

TELLES, J. **O Movimento Sindical no Brasil.** São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1981. 289 p.

THOMSON, A. Recompondo a memória: Questão sobre a relação entre a História Oral e as memórias. **Revista Projeto História**, São Paulo, n. 15, abr. 1997, p.51-84.

VINHAS, M. **O Partidão: a luta por um partido de massas (1922 – 1974).** São Paulo: Hucitec, 1982. 268 p.

WELCH, C., GERALDO, S. **Lutas camponesas no interior paulista: memórias de Irineu Luiz de Moraes.** São Paulo: Paz e Terra, 1992. 213 p.

ZAIDAN FILHO, M. **Comunistas em céu aberto: 1922-1930.** Belo Horizonte: Oficina de Livros: 1989. 139p.

ANEXO – Entrevista com Noêmia Gouveia

ENTREVISTADA: Noêmia Gouveia

NATURALIDADE: Uberlândia

DATA DE NASCIMENTO: 21 de dezembro de 1919

NATURALIDADE DOS PAIS: Cidade de Caeté, Região de BH

DATA: 07 de Outubro de 2003

ENTREVISTADOR: Luciano Patrice Garcia Lepera

ASSUNTO DA ENTREVISTA: O P.C.B. EM UBERLÂNDIA

Desde 35, a senhora já tem lembrança do Partido? Já tenho lembrança do Partido, que era o meu cunhado com Humberto Palhares e tinha, também, o Dr. Mário Farias e esse dentista, que agora no momento eu não me lembro o nome dele. Eles eram um grupo de companheiros que naquele tempo movimentaram o País, na luta pela libertação do Prestes, né? Falaram terríveis, assim, abertamente mesmo que aquilo era um absurdo que estava acontecendo, fazendo. Então eles faziam mesmo um movimento muito grande contra isso. **A senhora lembra da sua mãe, sua irmã mais velha também tinham militância?** Todas elas tinham militância no Partido. Minha mãe, minha irmã, a Irma de Paiva Rezende Gouveia e minha mãe, que era Filomena Gouveia. Todas foram militantes no Partido. **A senhora lembra também, quer dizer, deste período que a gente tem estudado até 45, o Partido não teria grande expressão no movimento de massa, por conta de Repressão feroz, mas conseguindo fazer campanha, pro Brasil se encaixar na Segunda Guerra.** No movimento da luta da ida pra Guerra foi um movimento terrível. Eu me lembro que o partido que levou pra rua levou o povo, levou a movimentar e o povo saiu pra rua e foi pedindo, gritando e falando até que entrou na Guerra. **No início dos anos 40 a senhora já participava de célula mesmo, orgânico, vida orgânica, a senhora era militante orgânica, a senhora, sua mãe, sua irmã.** Agora a senhora se lembra do que seria mais ou menos o

número de militantes do Partido, em algumas áreas onde teria uma força maior. Quer dizer, nós éramos mais a base feminina. Era uma base feminina que nós tinha um movimento de organização da União Feminina, foi quando surgiu a União Feminina em Belo Horizonte, aí veio a Valquiria aqui em Uberlândia, é que foi criado a União Feminina. Mas antes disso teve o movimento do toucinho do porco que nós matamos dentro de casa, lá na minha irmã matou o porco, pesou e, né, e dividiu o tocinho, aquela coisa toda, porque na época da Guerra foi aquela coisa custosa, veio o negócio da farinha de trigo e veio esse movimento todo que nós fizemos. Foi tudo feito, aquele medo, pra formar depois a organização. Porque a gente vê o legalismo no Partido 45/46 tem uma boa votação em Uberlândia, os candidatos Nelson Cupertino, logo depois eles cassam o registro do Partido e em 47 tem eleição pra vereador. Mesmo em outras legendas o povo elegeu quatro vereadores que publicamente eram comunistas. Daí isso mostra essa votação expressiva de quatro vereadores, dá a entender que o Partido tinha uma organização sólida. Sim, tinha uma organização, e tinha, assim, um movimento de massa muito grande, mas era muito grande mesmo. Porque aqui se chamava até de Moscou, Moscou, Uberlândia era Moscou. Existe, também, na literatura a referência de que nessa época, o Triângulo Mineiro, o interior de São Paulo e norte do Paraná eram áreas prioritárias de atuação do Partido, junto aos camponeses. E a gente tem visto que realmente tinha um trabalho grande até o sudeste de Goiás, tirado pelos números aqui de Uberlândia. Exatamente, inclusive teve um movimento de camponeses, uns 55, eram 55 camponeses, parece que foram presos 55 camponeses. Que eles fizeram um congresso, um congresso de camponeses, e teve esse movimento aqui em Ituiutaba acho, nesses municípios aqui que não me lembro, então eu sei que teve esse movimento, que foram presos 55 companheiros. E teve, também, um congresso que esse eu participei, que esse dos 55 eu não participei, que eu já tinha saído, tinha ido pra Belo Horizonte. Mas tem um outro congresso de camponeses que eu já voltei de Belo Horizonte, que eu participei, foi um congresso de Canápolis e Capinópolis, que fizeram um encontro aqui em Capinópolis e a polícia deu em cima de nós, e nós dormiu num

arrozal lá dum companheiro lá, estragamos tudo o arrozal, do companheiro, né, que nós dormimos no meio do arrozal, trouxe um caminhão de camponeses de lá do congresso e lá teve a polícia bateu em cima de nós, nós fechamos lá dentro dessa lavoura de arroz e ficamos lá dormindo, dormindo. No outro dia todo mundo se espalhou, né, cada um foi pra um lado, não foi preso ninguém, esse não foi preso, mas no outro foi preso 55 companheiros. **Noémia, o que a gente tem escutado, que depois de 47 elegeu quatro companheiros no Partido, terminado o mandato deles, teria havido, além de forte repressão, perseguição, todos esses problemas de atrito com polícia, num movimento de massas em geral em cima do Partido, elege só o Virgílio Mineiro que consegue reeleger e Margonari fica de primeiro suplente. Depois, por divergências políticas naquela linha muito dura do Manifesto de Agosto, o Virgílio, no Comitê de Zona teria pedido a renúncia do Virgílio pro Margonari assumir. Depois o Comitê de Zona fez a autocritica, pediu pro Virgílio Mineiro voltar, mas ele aí acho que não quis, e acabou ficando mesmo o Margonari, né isso? Você se lembra desse episódio?** Nessa história eu já tava em Belo Horizonte, eu já não tava aqui, já tava em Belo Horizonte, nessa história aí, não lembro. Que foi naquela época mesmo. Em 48, em 48 eu fui pra Belo Horizonte. **E foi com funções do Partido?** Já fui com o Partido, já com o Partido. Porque quando nós fez um trabalho muito bom lá no município de Catalão, que eu estava já em Goiás, e lá nós fizemos um trabalho muito bom no município de Catalão. Então, com isso, depois, eu me meu marido nos desentendemos, então aí eu fui pra Belo Horizonte. **A senhora casou quando?** Eu casei em 40. **Aqui em Uberlândia?** Aqui em Uberlândia. **E era companheiro do Partido?** Não. **Mas tolerava?** É, ele começou a entender tudo direitinho, né, porque nós fomos trabalhar com o pessoal que era do Partido, né, depois nós entramos num desacordo, coisa assim. **Mas ele nunca chegou a ser comprometido com o Partido não?** Não, não. **Em Belo Horizonte a senhora foi com um trabalho de massa, organização de massa, que tinha muitos aqueles que trabalhavam internamente no Partido, né, viajando, dando assistência, levando a palavra de ordem. Eu fui como encarregada do trabalho de política. Pra Minas Gerais?**

Belo Horizonte. E a Valquiria Jardim era do Estado. Eu era de Belo Horizonte. Foi onde que nós tivemos um passado muito grande. **Lá a senhora ficou por quanto tempo?** Ah, eu fiquei lá uns cinco anos. **Aí retornando já pra Uberlândia. Quando a senhora retorna pra Uberlândia, o Partido está ainda estruturado, tem vida partidária?** Voltei pra fazer autocritica, como trabalho de campo, pra fazer organização dos camponeses. **Nos anos cinqüenta?** Nos anos cinqüenta. **Aqui em Uberlândia?** É, aqui em Uberlândia, Canápolis e Capinópolis. Nós fizemos organização. **E aí a senhora fica nesse trabalho com camponês até que ano?** Não, não eu fiquei lá pouco tempo. Foi só até na organização desse Congresso e cabou, e terminou, né? Aí eu vim embora pra cá. **A senhora lembra do partido tendo vida orgânica, a senhora participando aqui em Uberlândia até quando mais ou menos?** Aqui em Uberlândia? Eu tive um companheiro que veio de Belo Horizonte pra cá, que era o Manuel, que, aliás, nós é que arranjamos um nome pra ele, que ele era camponês, da cidade de Espírito Santo, de Vitona, daquele movimento do Jango, aquela coisa toda, que falava até em nome do Jango, essa coisa toda. Então esse companheiro veio pra Uberlândia e nós aqui, nós nos entendemos e fizemos uma prece, surgiu até uma prece, foi até uma satisfação para o pessoal, nós fizemos até uma prece aqui com o pessoal, com a turma, com os espíritas e tudo, mas ele era comunista e eu também era comunista, aí não precisava de tá fazendo propaganda, então fizemos uma prece e ele ficou fazendo um trabalho aqui. Mas ele foi preso. Ele foi preso em Belo Horizonte e ficou lá vinte e três dias preso, que ele estava fazendo o trabalho junto com Osvaldo Malaquias e os filhos do Osvaldo, já tinha base, tinha tudo. Eles se formaram organizando, porque o Partido tinha caído, tinha ocasionado um declive muito grande aqui dentro de Uberlândia, não se falava mais nada. **Em que ano, 70?** É, mais ou menos, que já tem mais ou menos vinte e sete anos que ele faleceu, de maneira que nós estivemos juntos nove anos só de trabalho. **Em 64 vocês estavam aqui?** 64? Estava. **E aí, como foi o Golpe? O Golpe? A repressão?** O Golpe, meu pai tinha ido pro Rio de Janeiro quando saiu o Golpe. Em 64 nós estávamos aqui. O Golpe foi um movimento muito, muito, muito forte. Em 64 nós estávamos aqui. O Golpe foi um movimento muito, muito, muito forte, muito chocante, que abalou muito. Então a gente, naquele tempo, Uberlândia ficou

assim, na verdade, ficou assim sem saber o que fazia, né, porque o Partido era muito, muito, tinha caído muito. E ele tinha sido denunciado por um companheiro que tinha sido preso, ele caiu na mão da polícia, por causa do Golpe mesmo e ele foi preso. Mas ele foi preso, deportado pro Amazonas e ele falou que era do movimento da Reforma Agrária. E isso tinha que, né, era uma coisa legal. **Não assumiu nada do Partido?** Não. Ele protegeu todo mundo. Que aqui ele afastou de todo mundo. Não procurou mais ninguém, ninguém. Só veio na minha casa, tudo era só comigo, e pronto, acabou. **E o Partido enquanto organização aqui foi pego gente? O Roberto Margonari tava ainda no Partido?** O Roberto nunca afastou do Partido, nunca. O Roberto nunca afastou do Partido. **E a senhora tem notícia de como foi a repressão aqui em Uberlândia?** A repressão foi muito forte, foi muito forte mesmo, pra todo lado. Eles procuraram mesmo, de todo jeito. E o Roberto, não. O Roberto foi um comunista até na morte dele. Não teve nenhum momento de vacilação. Inclusive eu também, até hoje, não tenho nenhum momento de vacilação. E Manuel também foi a mesma coisa. Manuel também foi um homem que ele falou muito com os camponeses. Falava em nome do Jango, falava da Reforma Agrária, falava em tudo, era comunista e tudo. Mas, até morrer ele não teve vacilação nenhuma. Ele se chamava Enéas Pinheiro. Manuel Alves Ferreira foi o nome que nós arranjamos pra ele pra poder legalizar a situação dele aqui. **Manuel Alves Ferreira?** Manuel Alves Ferreira. Mas o nome dele era Enéas Pinheiro, do Espírito Santo. Vocês podem mandar saber direitinho do Espírito Santo, que ele tinha um valor muito grande no Partido lá dentro do Espírito Santo. Era muito comum na época, por exemplo, essa pesquisadora que eu citei pra senhora, a professora Idalice, ela faz menção a isso, tem um outro trabalho que eu tenho lá em casa mostra, por exemplo, Ribeirão Preto, através de entrevistas feitas com antigos comunistas, inclusive com meu pai, se descobriu uma pessoa, um nome falso lógico, estava lá em Ribeirão Preto numa chácara, que tinha uma pequena gráfica nessa chácara. Depois, com o tempo, foi-se juntando detalhes, era um grande político do Partido, fugido do Rio Grande do Sul. E não se tinha nenhum registro de que essa pessoa, na fuga, acabou virando um nome falso, evidente, nome de guerra e tinha um

aparelhinho do Partido lá numa chácara lá em Ribeirão Preto. Quer dizer, era um grande político gaúcho, muito famoso no Rio Grande do Sul e que até, acidentalmente descobriu-se que ele ficou anos amoitado em Ribeirão. Manuel era um grande líder. E líder de arrastar massa mesmo de camponeses, de camponeses, um movimento de camponeses. Em Ribeirão não sei se eles tiveram algum contato, me lembro que na reconstrução do Irineu Moraes, que chamavam de *Liga Camponesa em Dumont*, ele andou muito na região de Ribeirão Preto. Ele era grandão, fortão. Ele trabalhou também muitos anos num posto. O trabalho de camponeses foi muito, muito importante, muito mesmo. Depois disso, quer dizer, o Oswaldo Malaquias, Margonari, toda essa turma, quer dizer, em 64 deve ter tido muito problema. A senhora tem notícia de que o Partido, enquanto vida orgânica, célula e ligação com Belo Horizonte parece que houve um tempo grande que isso foi quebrado pela Repressão de 64. Não, o caso da Repressão foi demais e ficou, assim, meio largado, principalmente, o Manuel não procurou mais, o Manuel, porque a convivência dele era com o Manuel. O Manuel não procurou mais nenhum partido, perdeu o contato por causa da própria situação dele, que ele foi preso e como, né, não podia, né, porque lá na polícia ainda perguntaram: "Até onde que o senhor quer ir? Quer ir lá pro Espírito Santo, pra Vitória, pra sua terra, né?" Ele falou, não quero ir lá pra terra Uberlândia, pra minha companheira, que me tinha como uma companheira muito boa mesmo, e eu o tinha também como um companheiro espetacular, foi o melhor companheiro que eu tive. E ele veio pra cá, ele não teve contato mais com ninguém, nem o Oswaldo Malaquias. E você? Não. A gente, eu continuava agindo, mas escondido. Às vezes eu ia escondido, pra não gerar atrito nem perseguição maior. Mamãe já tinha morrido e a minha irmã também já tinha parado com o movimento. Já tinha parado porque ficou sempre na união feminina, dos líderes, organizando, que ela era do trabalho de massa, né, e com isso ela ficou parada também. Noêmia, você tem notícia de quando é que começa a ter uma vida orgânica e liga com Belo Horizonte novamente? Olha, eu não sei. Eu só sei depois que o Stöessel me procurou aqui. E isso nos anos 80? Foi, foi na época. Pode ser que seja só isso? Foi quando o Stöessel me procurou naquela

época. Porque antes em Belo Horizonte eu tinha contato. Eu tinha lá o Paulo. **A senhora teve contato com um que recentemente veio aqui, Marco Antônio Tavares Coelho, depois veio a ser deputado federal pelo Rio de Janeiro.** Olha, em Belo Horizonte, eu fui pra Belo Horizonte em 48. Quando eu cheguei em Belo Horizonte, a primeira tarefa que eu tive foi pra ir no Encontro no Rio de Janeiro no "*O petróleo é nosso*". Então foram jovens, né, jovens. Era Marco Antônio (...). Que aqui em Uberlândia todo mundo era comunista, mas ninguém tinha vida ativa de Partido. Mas todo mundo era comunista. Perguntava e todo mundo era comunista. Uberlândia chamava Moscou. Uberlândia era Moscou. Por causa dos movimentos que se fazia, ia pra rua. O povo ia mesmo, né. Movimento de massa muito forte. Mas depois foi caindo, caindo, foi caindo, né. **E o que a senhora vê motivando essas perdas?** É porque não tinha vida partidária. Não tinha, era só um movimento de rua. Só isso. Mas não tinha base, não funcionava. Não era bem organizado, não era organizado. O negócio era solto. É assim que eu entendo. **Célula mesmo, vida orgânica era pouco?** Vida orgânica, não. Isso era muito pouco. O povo num ia. Ninguém ia enfrentar nada. Só rua, movimento, discurso, comício, essas coisas toda. A gente ia pra rua, fazia movimento de carestia, a gente ia, botava o pau pra quebrar, a gente ia. O povo ia também. **Tinha uma repressão também muito forte?** A polícia aqui agia na rua mesmo. Batia mesmo. Pegava o cara e botava mesmo pra quebrar. **E aí nos anos 80 a senhora lembra o Stöessel foi quem procurou a senhora?** Foi o Stöessel que veio aqui. Stöessel com o, como o José Maria e o Thomé. **E através de quem que eles tiveram uma ligação com a senhora? Quem que passou o nome?** Eu não sei. Isso eu não tenho o nome. Eu passei a funcionar de novo, né. Começamos, a Therezinha, aquela coisa toda, né, Matilde. A Matilde só funcionou no Partido enquanto ele foi legal. Quando ele caiu na ilegalidade ela não funcionou mais. **E aí no início dos anos 80 ela voltou a funcionar?** Voltou. Mas ela muito assim reservada. **E aí como é que a senhora foi assim se organizando aqui em Uberlândia?** Eu me lembro que foi a Therezinha, com a Nilza, né. Aquela turma toda, né? **Elegeu o vereador?** Elegeu vereador. Então ela foi eleita. O trabalho foi muito bom, o trabalho grande, e assim por diante. **Entrou algumas pessoas**

novas até em termos de idade? Teve o Camacho, José Maria, Stöessel, Paulo, Thomé, Therezinha. A maioria nem de Uberlândia era e nunca tinham participado até pela idade mesmo. Pela idade mesmo. Tudo moçada nova, né. **Da turma antiga de Partido mesmo, além de vocês, a filha do Roberto Margonari.** Não, aquelas a gente não pode contar. E a Fiota, a Fiota entrou. A Fiota entrou, mas já ta caducando também. Eu não sei nem como ela tá. Tinha o marido da Fiota. A Olívia voltou, a Olívia, o Rodrigo, o Oswaldo Malaquias voltou. Os filhos dele, todos eles voltaram. **Margonari, aí, em 82 faleceu?** Faleceu. Mas ele chegou em 80 a voltar. Chegou a voltar. Margonari nunca deixou de ser comunista. Aquele nunca, nunca. Ele, o Oswaldo Malaquias não, nunca. Eles, não. Nunca deixaram. Morreram. Depois é o seguinte, eu não esqueço que eu sou do dia do Stalin, 21 de dezembro é o nascimento do Stalin, né? Foi um partido que fez a política, né? Foi terror, foi aquela coisa. Eu falei assim, que coisa! Eu sou do dia do Stalin, (rindo) do mesmo dia dele. Pois é, foi um troço mesmo. Era a linha dura, né? Um trem mais esquisito, né? Mas é a autocrítica dele né. **É mas eu acho que, lógico, cometeu esses erros, mas eu acho que a intenção era sempre de melhorias pra população. O pior erro é melhor do que não fazer nada, né? A gente tem que sempre tentar mostrar isso, que vários erros foram cometidos, mas visando sempre a defesa da população. E aí você lembra quando legalizou aqui em Uberlândia?** Lembro que quando legalizou foi todo mundo pra rua, né. A organização do Partido foi ótima. **E a senhora participou da campanha eleitoral?** Já, demais, aqui nós botava os cartaz na porta. Agora não. Mas a gente pôs cartaz aí tudo. Fizemos trabalhos no meio dos companheiros. **Noêmia, agora me diz assim, você como uma companheira aí com muitos anos de luta acompanhou e participou sempre aí, décadas e décadas aí na ativa do movimento, é e hoje, o quê que você vê, o que virou Uberlândia, você vê perspectivas?** Eu acho que toda luta que nós fizemos foi positiva. Eu analiso assim, tudo foi positivo. Agora, o PPS veio, o PPS, a gente foi pro Congresso, fizemos tudo o trabalho, lá tudo, né, foi tudo bem feito. Mas eu acho que neste trabalho todos nós que fizemos, deixa eu ver como é que é, vê se eu consigo te explicar, acho que foi bastante positivo, porque todo trabalho que a

gente fazia, a gente fazia com a aquela vontade de vencer, de ganhar, porque mesmo que a gente perdesse qualquer coisa, a gente tinha aquele entusiasmo, né, tinha muito entusiasmo. A gente tinha força de vontade mesmo, tudo bem. Venceu. Tem muita coisa que a gente venceu. **Acho que deu para ver um bom panorama aí, né?** É uai, eu acho que a gente, todo trabalho que é feito, que a gente faz com amor, com aquela vontade, com aquela perspectiva de conseguir um objetivo certo é positivo, né? Acho que isso é positivo. E nós, mesmo perdendo alguma coisa, não teve problema não, porque vencemos também outras, né? Perdendo em umas, ganhando em outras.